

ESTUDOS DE ARTE RUPESTRE EM PERNAMBUCO (II). A "PEDRA FURADA" EM VENTUROSA

Gabriela Martin

Alice Aguiar

Paulo Tadeu

Plínio Victor

da Universidade Federal de Pernambuco

O sítio da "Pedra Furada" está localizado num cume granítico do serrote do Barbado, no município de Venturosa (Pe), área na qual estamos realizando levantamento completo das pinturas rupestres. Sua formação geológica, ocasionada pela erosão, sugere um imenso arco livre, tendo sua face oeste coberta de pinturas em vermelho, onde aparecem figuras antropomorfas, zoomorfas e desenhos esquemáticos e geométricos.

No seu aspecto físico a "Pedra Furada" apresenta características singulares: é o único sítio com pinturas até agora assinalado na serra do Bucu, em que os painéis pintados não aparecem sobre matacões arredondados de granito. Pelo contrário, a "Pedra Furada" sugere uma imensa muralha em forma de arco que se levanta separando duas várzeas. Na região de Venturosa, a característica geral dos sítios arqueológicos com pinturas é de grande blocos de granito, isolados sobre terrenos planos, tendo, geralmente, todas as suas faces recobertas de pinturas.

O nosso trabalho nesse sítio foi basicamente o levantamento das pinturas, porque a ausência de refúgio faz impossível realizar uma escavação, apenas sob o painel n.º 1, localizado à esquerda do arco, foi possível iniciar duas sondagens de 1m² cada, separadas a uma distância de doze metros e que se apresentaram completamente estéreis até uma profundidade de 90 cm. em que foram suspensas. Nenhum resto lítico foi achado nas imediações.

O rochedo, por estar muito exposto a ação dos ventos fortes da região, sofre constante despreendimento de grandes blocos e esfoliamento de sua superfície, o que coloca em risco de constante deterioração as pinturas executadas em sua face, junte-se a isto a fuligem das fogueiras feitas pelos caçadores logo abaixo das figuras.

A região apresenta relevo levemente ondulado, onde apenas se destacam as serras de altitude média em torno de 800 metros, como a serra do Buco e onde paralelos a ela se encontram os matacões graníticos nos quais estão localizados os sítios rupes- tres da Buquinha, Pedra Pintada, Peri-Peri, Pedra do Letreiro, Morro dos Ossos, etc.

Integrando o sistema hidrográfico do rio São Francisco, a área pertence a bacia do rio Ipanema, que tem suas cabeceiras nos limites setentrionais do Estado de Pernambuco, nos contrafortes meridionais do Planalto da Borborema.

A época em que as chuvas caem com mais intensidade é entre fevereiro e maio, restringindo-se as possíveis enchentes a estes meses. Em setembro começa a estiagem. Na verdade apenas duas estações climáticas são distinguíveis: inverno e verão, com temperaturas médias entre 30°C (máxima) e 20°C (mínima). A precipitação média anual varia entre 400 e 600 mm.

Duas zonas fisiográficas estão representadas na área: o agreste e a caatinga. A região de Venturosa marca o limite entre as mesmas, o que condiciona a existência de duas associações vegetais. No entanto, predominam as características de caatinga, devido em parte a influência do relevo, pois a região encontra-se em um plano inferior, a sotavento do Planalto da Borborema. Por ser sua altitude superior a 400 metros, a região estaria melhor caracterizada como caatinga úmida, onde aparecem o agave, a palma, a catingueira, a jurema etc., e nas partes mais secas o umbuzeiro, a baraúna, o pau-ferro, etc. Cultiva-se principalmente o milho, o feijão, o algodão e a palma.

Localização :

8° 34' 30" de latitude Sul e 36° 18' 4" de longitude Oeste.

Altitude médias: 450 a 500; 600 a 700; 800 a 1000.

Temperaturas :

	1972	1973	1974	1975
Média	23,0	26,6	22,4	22,0
Máxima	35,5	34,5	34,1	34,5
Mínima	14,4	11,2	12,4	12,0

Descrição dos painéis :

As pinturas estão situadas em ambos lados do imenso arco. No lado esquerdo, assina-

lamos um único painel sub-dividido em IA e IB. Os painéis II, III e IV, encontram-se situados no lado direito do arco. O painel I apresenta-se menos elaborado e com menos riqueza de motivos que os do lado oposto. Os desenhos do painel I foram feitos na maior parte diretamente com o dedo. Já nos painéis restantes foi utilizado pincel, instrumento fácil de obter a base de talhos frescos fibrosos, batidos contra as pedras para a separação das fibras. Uma preparação mais demorada das fibras por imersão, provavelmente foi utilizada também. Todos os desenhos foram realizados com tinta vermelha.

Painel IA. Formado por um único desenho esquemático que representa uma possível armadilha. Motivo muito repetido noutras pinturas da região.

Altura: 40 cm.

Largura: 170 cm.

Cor: vermelha

Figura n.º 1,1.

Painel IB. Encontramos de esquerda para direita um conjunto de pequenas manchas que foram realizadas com as pontas dos dedos. No meio das manchas um desenho geométrico em zig-zag. Na extremidade direita do painel, representação de um antropomorfo de sexo masculino, logo acima de um zoomorfo quadrúpede muito estilizado.

Altura: 1 m.

Largura: 7,60 m.

Cor: vermelha

Figura n.º 1 (2-3) e n.º 2.

Painel IIA. Desenho geométrico formado por três símbolos cruciformes, colocados um acima do outro, três cruces menores aos lados e duas linhas em ângulo reto rematadas por duas esferas limitando o desenho. Na nossa opinião corresponde a um motivo intrusivo que não forma parte da temática dos painéis restantes.

Altura: 44 cm.

Largura: 45 cm.

Cor: vermelha

Figura n.º 3.

Painel IIB. Apresenta maior riqueza de motivos. Figuras antropomorfas, zoomorfas e esquemáticas misturam-se sem formar propriamente cenas, com exceção de uma sequência de figuras humanas muito esquematizadas que parecem representar uma dança (figura 6,1). Esse motivo é muito comum no Nordeste, o encontramos no Piauí, no Rio Grande do Norte e em Pernambuco, apresentando figuras claramente antropomorfas, tendendo ao esquematismo que chegam a transformar-se em desenho geométrico. É um tema que merece ser estudado com atenção, observando-se as sequências evolutivas. Dos 26 antropomorfos claramente representados no painel, apenas um apresenta indicação do sexo (fig. 5,1); uma figura antroipoide-ornitomorfa de longas antenas a poderíamos relacionar com a figura do homem-pássaro que, com interpretações diferentes, encontramos em extensas áreas do Brasil. No Nordeste já foi assinalada no Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Piauí e na Bahia. Temos também notícia da sua existência nas pinturas rupestres do Mato-Grosso e em Minas Gerais, onde o arqueólogo Ondemar Ferreira Dias Jr., o chamou de "pássaro da noite" por aparecer representado no meio de um teto estrelado, (fig. 5,3).

Entre os zoomorfos, a figura bem definida de um caranguejo (fig. 6,3) também representado nas pinturas de Várzea Grande no Piauí; três ornitomorfos, seguramente emas (fig. 6,5, uma delas já muito apagada) e um quelônio (fig. 6,4).

Três estreias ou "soies" e abundante número de motivos esquemáticos de difícil classificação. Nas tabelas que estamos elaborando sobre motivos esquemáticos e geométricos, tentamos separar os motivos que poderíamos chamar "universais" das representações "locais" que encontramos somente em determinadas áreas

e que tratamos de relacionar com as fases arqueológicas da região, porém esse é um trabalho lento e que ainda temos em elaboração.

Cor: Duas tonalidades de vermelho.

Altura: 3,55 m.

Largura: 13 m.

Figuras n.º 4, 5 e 6

Painel III. Apresenta duas figuras antropomorfas e uma figura zoomorfa. Uma das figuras antropomorfas de maior tamanho que as outras duas, representa claramente uma mulher grávida. Pintada a uma altura de 4 m. e difícil acesso foi necessário montar um andaime para poder copiá-la.

Cor: vermelha.

Altura: 1,10 m.

Largura: 67 cm.

Figura n.º 7,1.

Painel IV. Formado por uma única figura de zoomorfo quadrúpede, podendo ser identificado como um felino ou um símio.

Cor: Vermelha.

Altura: 36 cm.

Largura: 48 cm.

Figura n.º 7,2.

Embora morfologicamente, o sítio "Pedra Furada" não corresponda ao protótipo de pintura rupestre da região que resolvemos chamar estilo "Cariris Velhos" (G. Martin et alii, 1980), os desenhos apresentam as características próprias do estilo, com antropomorfos estilizados com pouca representação do sexo, zoomorfos, desenhos esquemáticos e sinais sem formar cenas. Os painéis apresentam também, frequentemente manchas esparsas como se os autores tiveram limpo nas pedras as mãos sujas de tinta ou foram tentativas falidas de executar algum desenho. As numerosas "dedadas" que aparecem também em gravuras, poderíamos interpretá-las, como tentativas de contar animais ou objetos.

O estilo "Cariris Velhos", formaria parte de uma tradição mais ampla que pelo momento inserimos na "Tradição Castelo" assinalada no Piauí por Niede Guidon, de acordo com as características acima espostas e diferente portanto da "Tradição Nordeste" a que nos referimos no trabalho citado e cujas características seriam marcadamente a representação de cenas de guerra, caça ou sexo de grande vivacidade e com figuras de pequeno tamanho, amplamente estudada no SE de Piauí e também detectada nas nossas pesquisas no sul do Rio Grande do Norte na variedade que temos chamado "Estilo Seridó", agora em estudo.

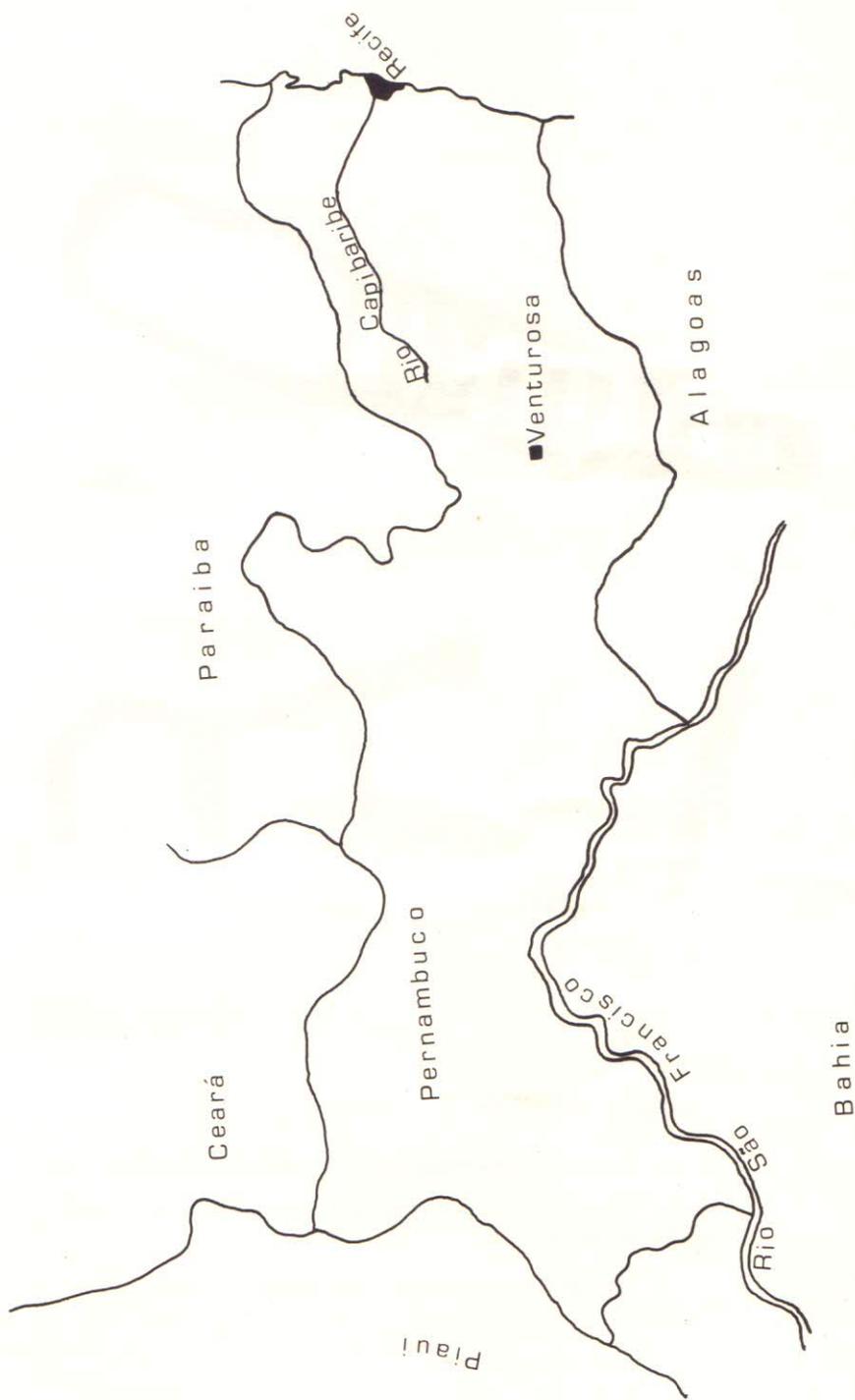
A publicação do sítio da "Pedra Furada" forma parte do nosso programa de apresentar, sempre que possível, notas prévias ou preliminares dos sítios levantados, sem prejuízo de monografias mais completas que estão em elaboração sobre a arte rupestre da região. Estas notas preliminares pretendem informar à comunidade dos arqueólogos brasileiros, das pesquisas que estamos realizando, a fim de que se possa ter uma visão, mesmo incompleta, da arte parietal indígena numa área arqueológica tão desconhecida como Pernambuco.

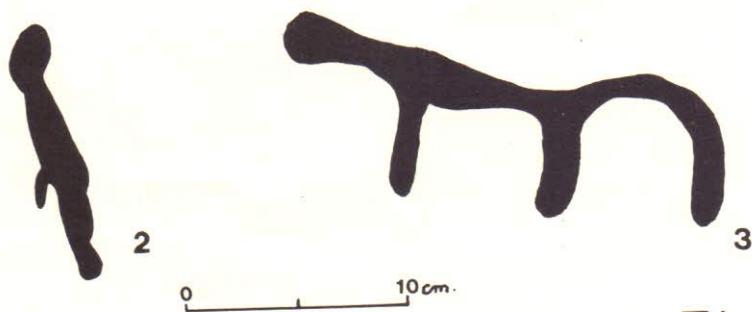
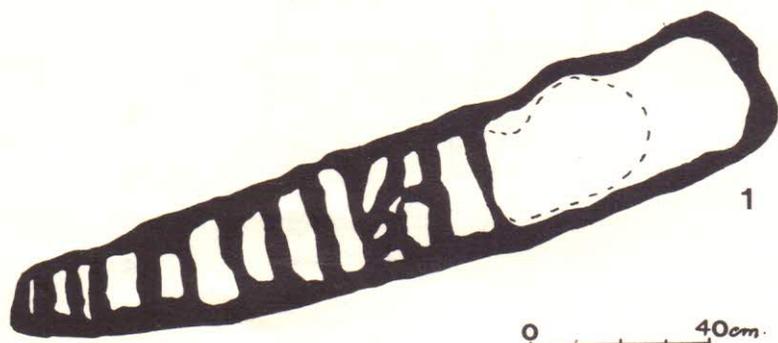
Colaboraram nesta pesquisa os alunos Marcos Galindo Lima e Ney de Brito Dantas da UFPE.

Esta pesquisa foi realizada com auxílio do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

NOTAS

- Martin, 1980 Gabriela et alii. **A Pedra da Figura em Taquaritinga do Norte (PE)**. "CLIO" Revista do Curso de Mestrado em História, n.º 3, 1980, Universidade Federal de Pernambuco.
- Almeida, 1979 Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos Cariris**. Ed. Universitária da UFPb. João Pessoa.
- Calderón, 1979 Valentin, **Nota prévia sobre fases de arte rupestre no Estado da Bahia**. "Universitas" Revista da Universidade Federal da Bahia, pp. 5-17, Salvador.
- Guidon, 1975 Niede. **Peintures rupestres de Varzea Grande**, Piauí, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud, n.º 3, Paris.
- Albuquerque, 1970 Marcos. **Nota prévia sobre a ocorrência de pictografias no Município de Brejo da Madre de Deus**. Boletim do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais.
- Nasser, 1964 A. Souza e Elizabeth Mafra Cabral. **Informação sobre inscrições rupestres no Rio Grande do Norte**. Separata dos Arquivos do Instituto de Antropologia, Universidade do Rio Grande do Norte, Natal.





E1

“PEDRA FURADA” — VENTUROSA — PE.

1 — Desenho de possível armadilha do painel I A.

2 — Figura antropomorfa do sexo masculino estilizada — painel I B.

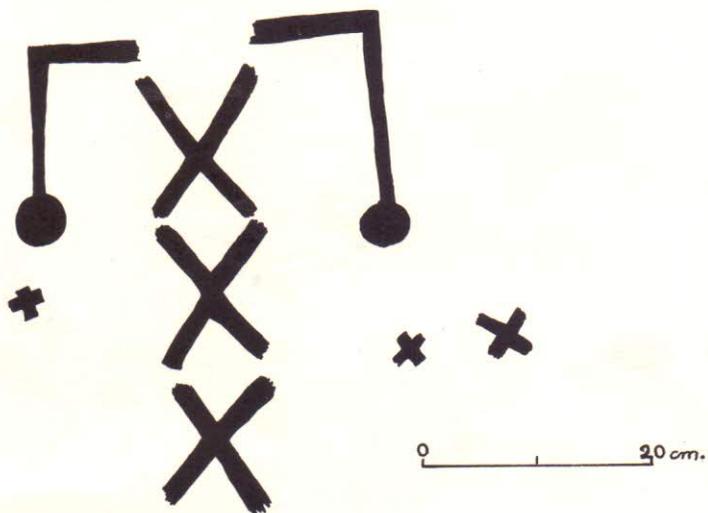
3 — Figura de zoomorfo estilizado — painel I B.



PEDRA FURADA PAINEL I-B VENTUROSA — PE



f.2



F.3

"PEDRA FURADA" — VENTUROSA — PE.
Painel II A — Desenho Geométrico.



0 50

PEDRA FURADA PAINEL II-B VENTUROSA—PE.



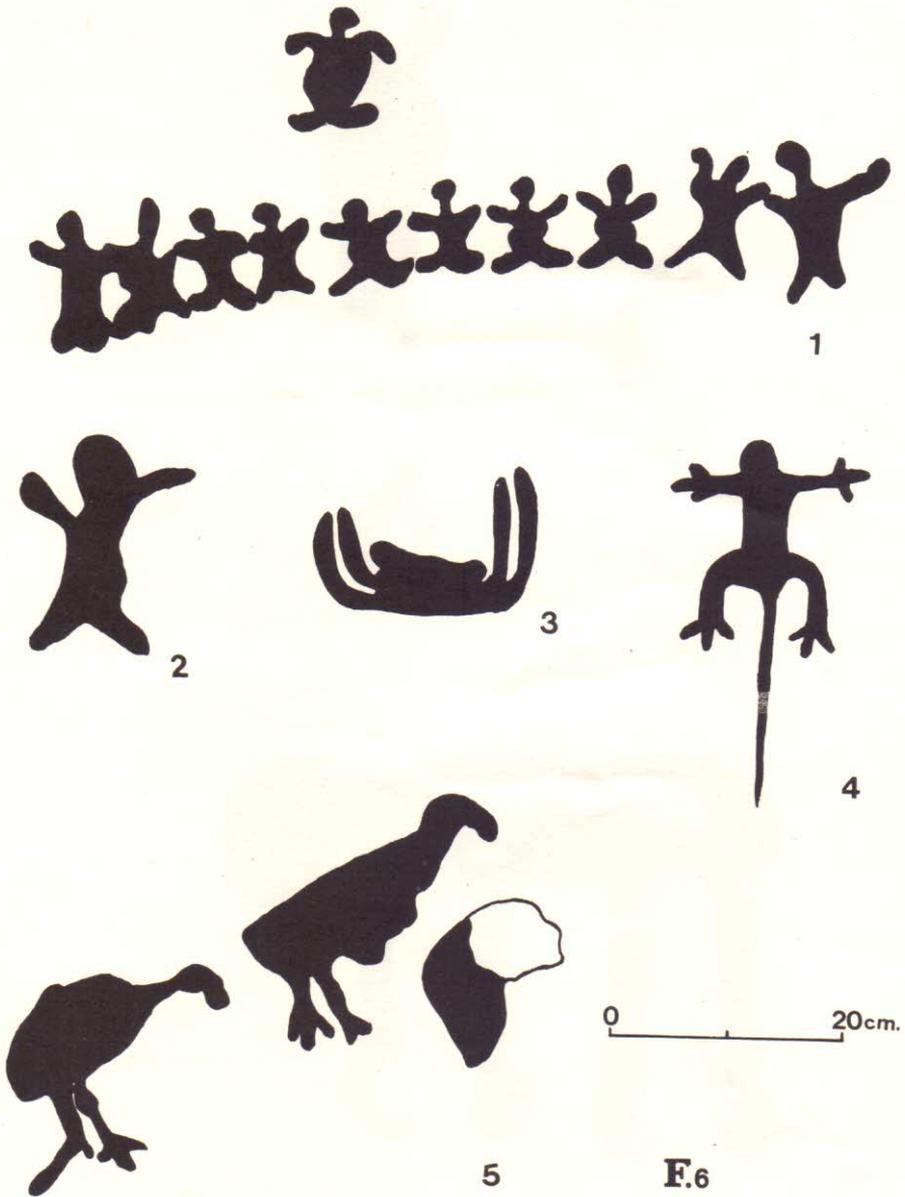
f.4



0 20cm.

F.5

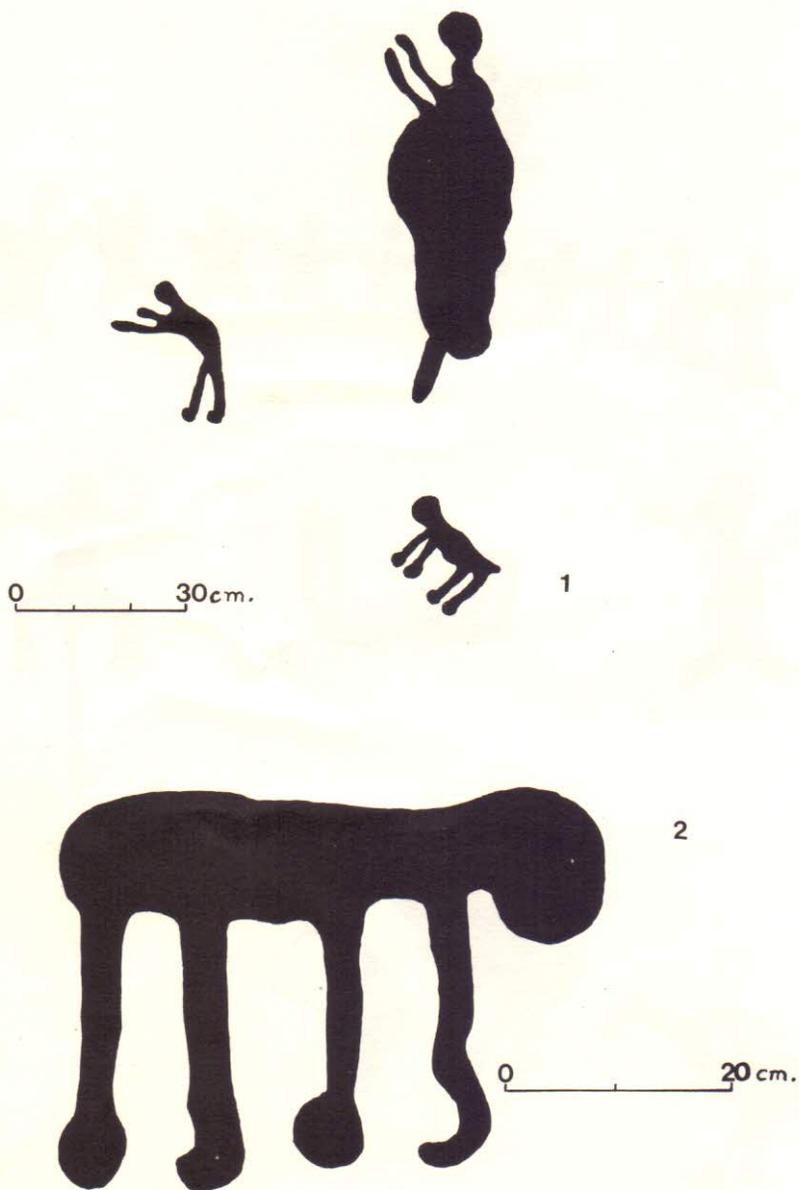
"PEDRA FURADA" — VENTUROSA — PE.
Painel II B.
Detalhes das figuras.



"PEDRA FURADA" — VENTUROSA — PE.

Painel II B.

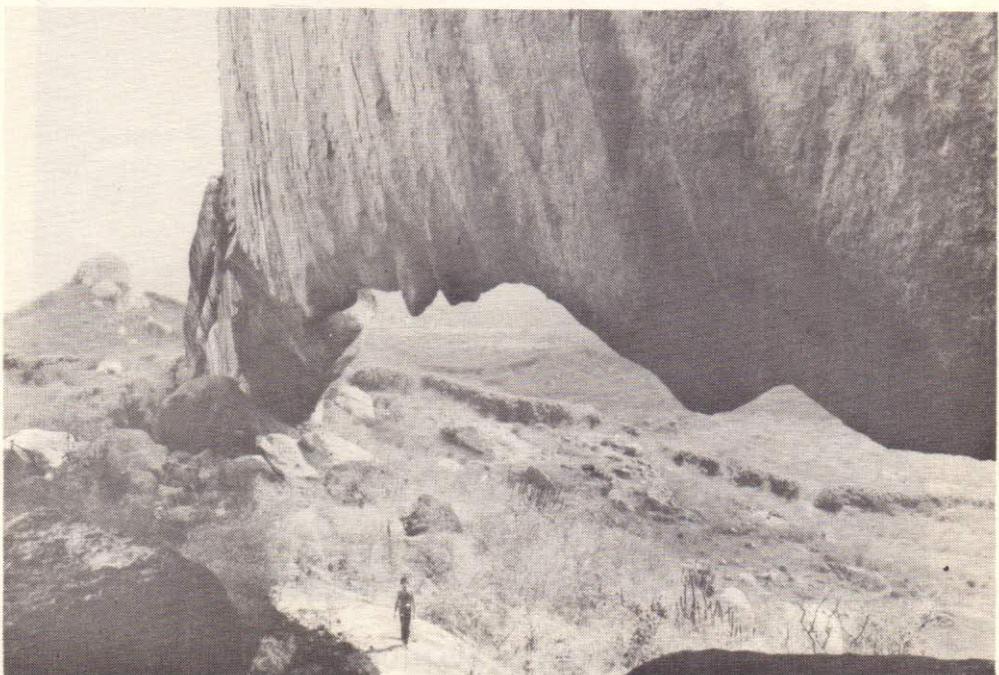
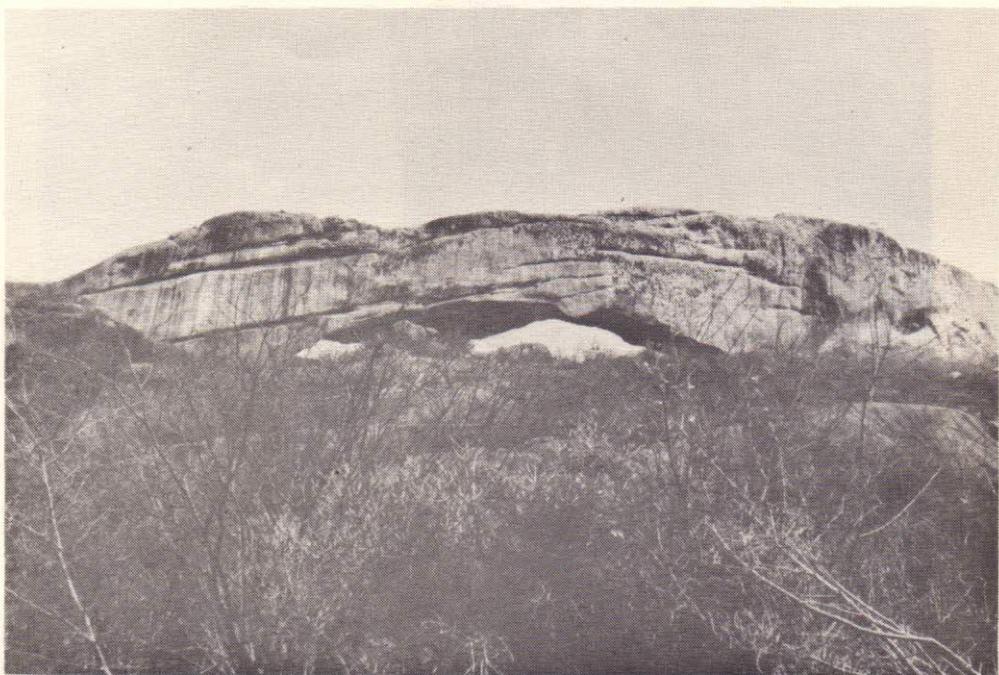
Detalhes de figuras antropomorfas e zoomorfas



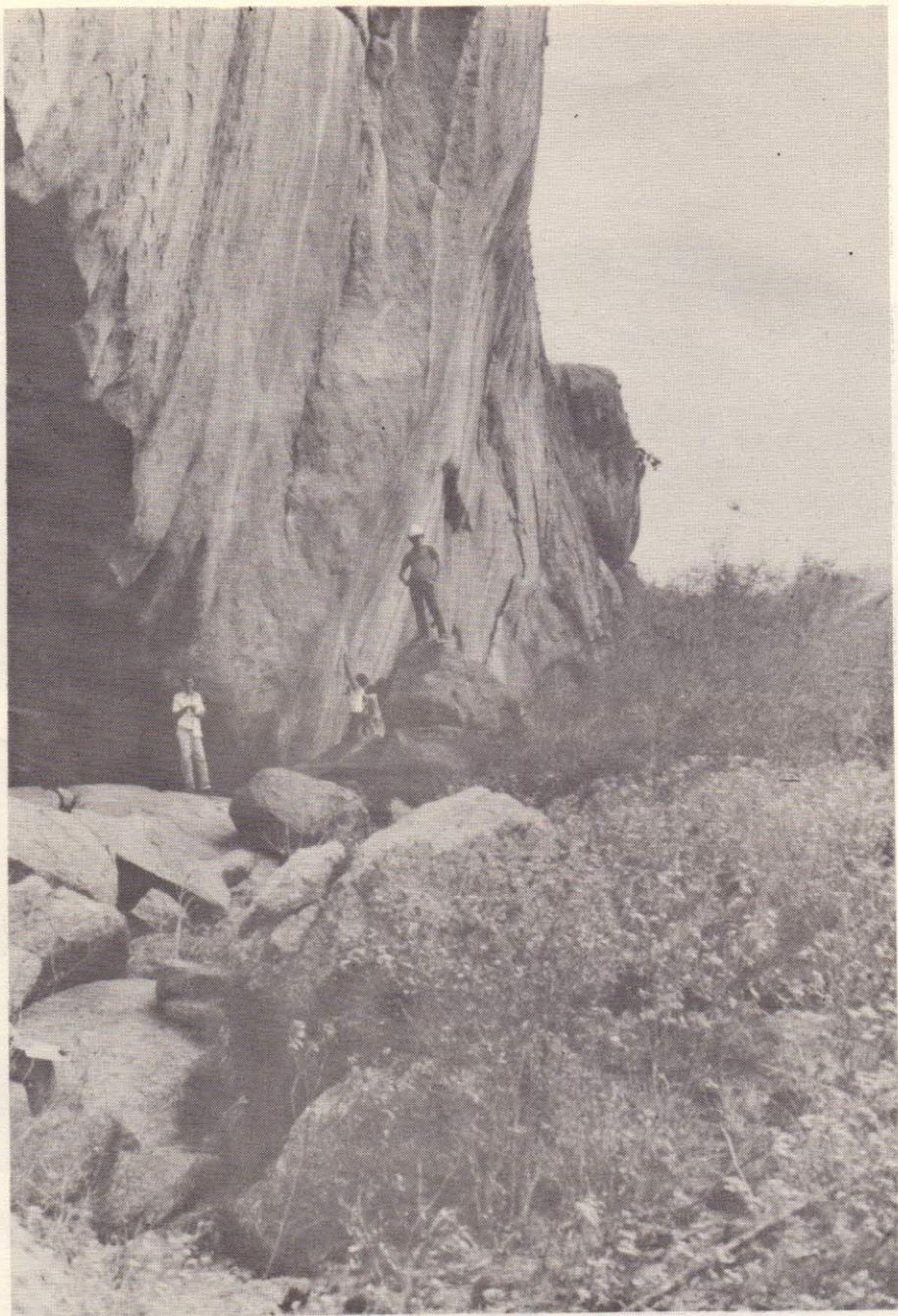
F.7

“PEDRA FURADA” — VENTUROSA — PE.
Painel III.

2 — Figura única de quadrúpede do painel IV.



Aspecto geral da "PEDRA FURADA" — VENTUROSA — PERNAMBUCO



"PEDRA FURADA" — VENTUROSA — PE.

Área dos painéis II - III - IV.